

**FACULDADE NORTE CAPIXABA DO ESPÍRITO SANTO
MULTIVIX – SÃO MATEUS
CURSO DE PSICOLOGIA**

**BÁRBARA THOMES VARGAS
CRISLAYNE DA CRUZ DO ESPÍRITO SANTO
ESTER MARIM AVANCINI**

**INTERSECÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E A ESQUIZOANÁLISE: O QUE PODE O
BRINCAR NA CLÍNICA COM CRIANÇAS?**

**São Mateus
2021**

BÁRBARA THOMES VARGAS
CRISLAYNE DA CRUZ DO ESPÍRITO SANTO
ESTER MARIM AVANCINI

**INTERSECÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E A ESQUIZOANÁLISE: O QUE PODE O
BRINCAR NA CLÍNICA COM CRIANÇAS?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Psicologia da Faculdade Multivix – São
Mateus como requisito para obtenção do grau de
bacharel.

Orientador: Mykael Sotero Negris

São Mateus
2021

Resumo

A elaboração deste artigo possui o objetivo de traçar aproximações e conexões entre o brincar para a teoria psicanalítica e esquizoanalítica. Tal proposta direciona-se para um árduo trabalho de revisão narrativa de literatura, a qual utilizou os principais autores de ambas as teorias; Sigmund Freud (1856-1939) para a psicanálise e Gilles Deleuze (1925-1995) e Felix Guattari (1930-1992) para a esquizoanálise. Desse modo, a construção de uma ponte entre os distintos posicionamentos pretende traçar, tal como aponta o título do artigo, intersecções entre a função do brincar psicanalítico – advinda de uma epistemologia já consistente - e a potência do brincar para a esquizoanálise – na qual o conceito de “devir-criança” lança pistas sobre uma nova forma de pensar as relações de forças presentes nas conceituações clássicas sobre a infância. Ao final do artigo, intenciona-se traçar algumas pistas para que os leitores possam pensar na produção de novos modos de existência na clínica com crianças, a partir do referencial teórico de ambas as teorias.

Palavras-chave: Criança, Brincar, Esquizoanálise, Psicanálise, Clínica.

Abstract

The elaboration of this article has the objective of drawing approximations and connections between playing for psychoanalytic and schizoanalytic theory. Such proposal is directed towards an arduous work of narrative literature review, which used the main authors of both theories; Sigmund Freud (1856-1939) for psychoanalysis and Gilles Deleuze (1925-1995) and Felix Guattari (1930-1992) for schizoanalysis. In this way, the construction of a bridge between the different positions intends to draw, as the title of the article points out, intersections between the function of psychoanalytic play - arising from an already consistent epistemology - and the power of playing for schizoanalysis - in which the concept of “becoming-child” launches clues about a new way of thinking about the relations of forces present in classical concepts about childhood. At the end of the article, the intention is to launch some clues so that readers can think about the production of new modes of existence in clinical practice with children, based on the theoretical framework of both theories.

Keywords: Child, Playing, Schizoanalysis, Psychoanalysis, Clinic.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4,5
2 MÉTODO	5,6
2.1 Quem é a criança para a esquizoanálise.....	6,7,8
2.2 O que pode a clínica esquizoanalítica com crianças.....	8,9,10,11
2.3 O que pode o brincar para a esquizoanálise.....	11,12
2.4 Quem é a criança para a psicanálise.....	12,13
2.5 O que pode a clínica psicanalítica com crianças.....	13,14,15
2.6 O que pode o brincar para a psicanálise.....	16,17
2.7 Das possíveis intersecções: brincar, criar, esquecer.....	17,18,19,20,21
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20,21
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22,23,24

1. INTRODUÇÃO

A psicanálise fundamentada por Freud no final do século XIX teve sua enorme contribuição para a modernidade ao postular um certo descentramento do indivíduo. A medida em que forjava o conceito de inconsciente Freud, rompendo com a tradição racionalista da época, esforçava-se para definir o chamado “aparelho psíquico”. É então constatado, a partir do texto *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1895/1996), a tentativa de explicar algo que ultrapassasse as noções de um “indivíduo” centrado unicamente na razão (BARROSO, 2012; CAVALCANTI, CAVALCANTI, NOVIKOFF, 2016). Com a esquizoanálise, esse descentramento é ainda mais expressivo à medida em que há um rompimento com a noção de subjetividade clássica. A subjetividade é, sob essa perspectiva, muito mais como uma produção coletiva e institucional do que como uma instância que pertence a uma espécie de “essência” do sujeito.

Ademais, entende-se que há uma grande presença de conceitos psicanalíticos para a elaboração conceitual da esquizoanálise: os conceitos de desejo (1995) e inconsciente maquínico (1976), embora realizem contraposições importantes à psicanálise lacaniana, também utilizam como fundamento da própria contraposição elementos psicanalíticos de definição. Isto posto, não se procurou explorar neste artigo as diferenças fundamentais de ambas as teorias – essas encontradas especialmente no *O Anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia* (1972). Emergiu-se o desejo de explorar as conexões, intersecções entre ambas, com vistas às possibilidades de traçar pistas para um novo fazer em clínica; fomentação de novos modos de existência. Dessa forma, acredita-se que a perspectiva esquizoanalítica possa compor com a psicanálise contemporânea questões a serem revisitadas, especialmente na clínica com crianças.

Destaca-se que o termo “pistas”, neste estudo teórico, é entendido enquanto referência para guiar o trabalho da pesquisa. Dessa forma, entende-se que mesmo em um trabalho que não demande a ida ao campo, tal como este estudo teórico, é preciso atentar-se para a impossibilidade de predeterminar a totalidade dos procedimentos metodológicos e o resultado final da pesquisa. Além das pistas, urge-se a necessidade da adoção de uma atitude de abertura ao que se produz durante o percurso da própria pesquisa (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009).

Desse modo, o interesse em realizar uma conexão de ambas as teorias com a clínica com crianças surge, por sua vez, através de uma intersecção entre as estudantes-pesquisadoras que compõe o artigo. Escrevemos não a duas, “fomos ajudadas, aspiradas,

multiplicadas” (DELEUZE, GUATARRI, 1995). Não seria possível realizar alguma intersecção senão por meio da multiplicidade e da diferença.

Isto posto, é possível pontuar o brincar, em ambas as teorias, enquanto expressão dos encontros dos corpos; a brincadeira enquanto produção de realidades múltiplas. É a partir desse agenciamento em comum, dessa intersecção, que o presente artigo abordará a brincadeira enquanto dois processos aparentemente distintos e dicotômicos: o brincar enquanto processo de criação e esquecimento. Tal tópico partirá fundamentalmente do livro *II Consideração Intempestiva: Sobre a Utilidade e os Inconvenientes da História para a Vida* (1878), de Friedrich Nietzsche, autor comum entre a epistemologia de ambas as teorias.

Ademais, o artigo a seguir contará com os seguintes tópicos: quem é a criança para a psicanálise x quem é a criança para a esquizoanálise, o que pode a clínica esquizoanalítica com crianças x o que pode a clínica psicanalítica com crianças, o que pode o brincar para a esquizoanálise x o que pode o brincar para a psicanálise e, por fim, das possíveis intersecções: brincar, criar, esquecer.

2. MÉTODO

O presente artigo possui caráter qualitativo exploratório, o qual, de acordo com Gil (2002), permite ao pesquisador familiarizar-se com os conceitos que estão articulados ao problema delimitado. Tendo em vista o intuito de traçar uma intersecção entre a psicanálise e a esquizoanálise, principalmente no que tange o brincar na clínica com crianças, recorreremos à literatura clássica de ambas, pois constituem-se enquanto um corpo teórico sólido que nos permite construir novos modos de fazer na clínica através da mobilização de seus conceitos em torno desta temática.

Com base neste objetivo, foi realizada uma revisão narrativa de literatura, modalidade de revisão bibliográfica que permite discutir sob uma perspectiva teórica o “estado da arte” acerca do tema abordado (ROTHER, 2007). Diferentemente da revisão bibliográfica tradicional, que conta majoritariamente pela busca por fontes, leitura do material, fichamento e organização lógica do assunto, a revisão narrativa de literatura concede uma licença poética para a elaboração deste ensaio teórico, bem como na prospecção de material literário (GIL, 2002).

Deste modo, embora ainda se estabeleça enquanto uma modalidade de revisão de bibliográfica, a trajetória de escrita deste ensaio esteve sob a luz da psicanálise e esquizoanálise, as quais nos convocam enquanto leitor-pesquisador a enveredar-se junto ao percurso que a própria teoria traceja, seus desvios, suas dicotomias, suas lacunas, e

quais efeitos que reverberam durante e após a leitura e escrita. As leituras e lentes teóricas atuaram enquanto orientadoras da trajetória, não enquanto vias de mostrar uma verdade oculta sobre a teoria, permitindo emergir daí algumas pistas para tal intersecção.

Assim, optamos por organizar este ensaio teórico em três grandes eixos. No primeiro e segundo eixo buscaremos apresentar sob a perspectiva de cada teoria a criança, a clínica e o brincar, os quais serão discutidos nos seguintes tópicos: *“Quem é a criança para a esquizoanálise?”*; *“O que pode a clínica esquizoanalítica com crianças?”*; *“O que pode o brincar para a esquizoanálise?”*; *“Quem é a criança para a psicanálise?”*; *“O que pode a clínica psicanalítica com crianças?”*; *“O que pode o brincar para a psicanálise?”*. Com relação ao terceiro eixo de discussão deste ensaio, foi dedicado a traçar as intersecções encontradas sobre o brincar na clínica com crianças, o qual ficou definimos como: *“Das possíveis intersecções: brincar, criar, esquecer”*

2.1 QUEM É A CRIANÇA PARA A ESQUIZOANÁLISE?

Iniciar a delimitação do que se trata o sujeito criança para esquizoanálise é defrontar-se com dois processos: a noção dominante de criança e a noção não dominante, que abre espaço para as concepções de devir-criança.

Torna-se importante, nesse campo teórico, não representar os “outros” de maneira geral e abstrata: “as crianças”, “os jovens”, “os pesquisadores” (BARROS, KASTRUP, 2009). Igualmente, na clínica com crianças, trata-se de se atentar às multiplicidades, aos desvios e às formas majoritárias que envolvem as noções do que é ser criança e que atravessam o próprio analista na clínica: “criança-problema”, “criança-birrenta”, “criança-déficit”. Isso porque, toma-se como pressuposto de que as noções dominantes entendem, sobretudo, que ser criança é tão somente uma preparação para a fase adulta; a criança vinculando-se sempre a processos de preparação, correção e ajustamento, sempre como um ser inacabado, de vir-a-ser. (CORAZZA, 2004)

Com Platão, apreende-se talvez as primeiras noções dominantes de criança. Para guardar às polis, tornou-se necessário a educação dos guardiões segundo os meios mais adequados; a tarefa começaria cedo, na mais tenra idade, com a definição dos caminhos que levariam as crianças a serem adultos justos e melhores (KOHAN, 2002). No início do século XX, é acrescido as noções de educação às ideias de etapa. Reconhece-se na infância uma fase especial da vida, que passa a ser entendida como potencialidade por

filósofos, educadores e políticos (VALLE, 2018; KOHAN, 2002) conforme é depositado na criança os sonhos “para um futuro melhor”.

Desse modo, a própria tradição Ocidental traça um percurso com a criança que é composto por paradoxos: se de um lado elege-se a infância enquanto período que contém grande parte das explicações para o que o adulto é, pensa e sente; é reforçado também ideias de que o desenvolvimento precisa ser cada vez mais acelerado, que as crianças precisam ser cada vez mais estimuladas para se tornarem mais rápidas, inteligentes, competentes e maduras (CORAZZA, 2004).

Deleuze e Guattari (1995), todavia, realizam uma torção dessas concepções, a medida em que elegem a criança como um dos personagens centrais da sua teoria. As crianças como possuidoras de suas próprias imagens, espantos, dores, alegrias, invenções e tratadas como existências capazes de criar estranhamentos e transformações (VALLE, 2018).

No texto “o que as crianças dizem”, Deleuze (1997) nos coloca que a experiência de explorar as ruas, os meios, os materiais são essenciais à atividade psíquica. Portanto, traçar um mapa dos trajetos é se defrontar com um meio que é composto por qualidades, potências, afetos e acontecimentos. Dessa forma, quando a criança explora o mundo e traça seus próprios modos de experimentar as comidas, os objetos, a rua, está também traçando processos de interiorização das subjetividades. Considera-se que as subjetividades se constituem no processo de explorar esses meios, mas também se entrelaçam e se confundem com a própria subjetividade do trajeto (DELEUZE, 1997). É importante destacar que o meio aqui pronunciado não seria correspondente ao que a psicologia chama de ambiente, o qual é composto por objetos; mas trata-se de um meio que se constitui de forças e partículas para além do limiar das formas (KASTRUP, 2000).

Nessa perspectiva, compreende-se que a criança faça exatamente isso: trace mapas dinâmicos e intensivos do mundo o tempo todo, constituindo consecutivos movimentos de devir (DELEUZE, 1997). O devir nos lança pistas sobre o que poderia ser a criança para a esquizoanálise. Criança essa que se compõe a partir do entrelaçamento e da metamorfose de dois movimentos distintos: a criança-molar, que se define a partir de uma configuração visível, dominante, estereotipada e a criança molecular, que se exprime através de um fluxo desordenado, em inconstantes movimentos de devir (KASTRUP, 2000; HUR, 2018).

Deleuze e Guattari (1995) nos adverte que um devir não seria espécies de imitação ou correspondências de relação, nem se faria na imaginação. Ocorreria no plano do real, fazendo-se por alianças, desterritorialização e fuga das normas. A isso, pontuam:

O devir é sempre de uma ordem outra que a da filiação. Ele é da ordem da aliança. Se a evolução comporta verdadeiros devires, é no vasto domínio das simbioses que coloca em jogo seres de escalas e reinos inteiramente diferentes, sem qualquer filiação possível (Deleuze, Guatarri, 1995, p.15).

Dessa maneira, o devir surgiria como uma espécie de involução, pois se configuraria como a dissolução das formas criadas, através das quais algo de transgressivo surgiria como germinação. A peculiaridade do devir criança em relação aos outros devires; como devir-mulher e devir-animal, talvez esteja justamente no modo da criança pensar e operar sobre o mundo, sendo a impaciência da criança com as normas e regras reveladoras de seu devir-criança (DELEUZE, GATARRI, 1995; KASTRUP, 2000).

Dessa forma, o conceito de devir ajudaria ao analista evitar as armadilhas de considerar uma criança sempre molar e na infância como um longo período de preparação para o modo adulto de conhecer e pensar. Com o conceito de devir, considera-se que a criança perpassa por tantas outras imagens, intensidades e por afetos de ordens diversas, esses únicos e possíveis justamente pela sua maneira própria de tatear o mundo.

2.2 O QUE PODE A CLÍNICA ESQUIZOANALÍTICA COM CRIANÇAS?

Ao cartografar junto com o texto, deparou-se com a necessidade de delimitar uma certa pragmática: então, considerando a criança também enquanto devir, multiplicidade, o que poderia a esquizoanálise, ou melhor, a clínica esquizoanalítica, com as crianças? Não se sabe! No entanto, o que se pretende, afinal, é traçar algumas pistas. Uma delas, a que se faz urgente e que irrompe com as lógicas de medicalização, ajustamentos, dos ismos e dos déficits, é acompanhar os processos da própria criança. Tal como nos aponta Deleuze (1988) as crianças dizem aos analistas o tempo todo: o corpo que se senta desconfortável e pequenino na cadeira de um grande consultório, a recusa de uma brincadeira e a preferência por outra, os risos, as relutâncias, o silêncio.

Isso não significa, contudo, a ausência de uma prática, de um método e, muito menos, uma “qualquer coisa” em clínica. Guia-se por um Ethos; uma atitude frente àquilo que estranha, que não se encontram nos manuais e nas cartilhas (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009). Exige o que Deleuze (1988) nos aponta como uma postura à espreita, tal como animais, escritores e filósofos o fazem. Animais, escritores e filósofos nunca estão tranquilos; vigia-se constantemente quem está atrás, ao lado. Deve-se estar nesse limite; o animal, quando à espreita, fica no limite da atenção mesmo ao agachar-se delicadamente para beber água, enquanto, ao mesmo tempo, está suficientemente atento ao predador. O

filósofo e escritor, por sua vez, ficam sempre no limite que separa o pensamento do não-pensamento quando levam a própria linguagem às últimas consequências, sem que se perca o sentido. (DELEUZE, 1988). É talvez nessa postura atenta às intensidades, ao território, à espreita; no limite(!), que se componha numa clínica esquizoanalítica com crianças.

Construir um corpo à espreita, então, seria poder inventar procedimentos de experimentação clínicos cujos efeitos seriam desconhecidos, que poderiam ou não funcionar. Nesse contexto, a clínica esquizoanalítica pode ser pensada através do trabalho de Deleuze e Guattari, a partir das experimentações; uma ação clínica que se dá por meio da atenção àquilo que bloqueia o desejo. A partir desse ponto de vista, então, torna-se possível intencional a produção de inconsciente e subjetivação (ADAIME, 2008) enquanto ato clínico (ADAIME, 2008).

Para Guattari (1979) o inconsciente seria algo que se derramaria ao nosso redor, em toda a parte (nos gestos, objetos cotidianos, clima, tempo). Esse inconsciente trabalharia no interior dos indivíduos, em suas percepções, na vivência de seus corpos, seu território, seu sexo, mas também estaria na família, na escola, no bairro, nas usinas, nas universidades. A esquizoanálise propõe um inconsciente que seja máquina, que fabrique. É dito enquanto um “inconsciente maquínico”, pois entende-se que ele não está apenas povoado por palavras e imagens, mas por todos os maquinismos que levam a produzir e a reproduzir essas palavras e imagens; linhas, forças, fluxos (GUATTARI, 1979).

Desse modo, considerando um inconsciente povoado intensamente pela experiência, pelas forças contínuas do sócios, da pele a clínica, aqui considerada apenas enquanto um dos dispositivos possíveis, se torna capaz de compor junto com essas intensidades maquínicas ao dançar, brincar, propor inventos, quebra-cabeça, soltar bolhas de sabão; realizar junto com a crianças maquinações infantis (GUATTARI, 1979). Não se trata de interpretar o desenho da criança, analisar a postura gestual da dança infantil; trata-se de criar experimentações que possibilitem que as crianças tracem um fora. Trata-se de questionar-se: quais as forças bloqueiam o corpo dessa criança? Como ajudá-la a tecer um corpo que sustente seus desejos, suas intensidades?

É verdade que a clínica esquizo estaria mais interessada em tudo o que faz fluir o desejo, na criação de corpos que sejam capazes de resistir às institucionalizações do desejo e, principalmente, na construção de dispositivos que tornem as crianças mais capazes de produzir encontros felizes. No entanto, é sabido também que o próprio trabalho da análise modifica o campo a medida em que se entende que é através da intervenção

que é possível conhecer - fazer para conhecer (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009). O brincar, desse ponto de vista, não pretenderia um “acesso” aos processos inconscientes da criança, mas compor um dispositivo de agenciamento brincadeira-criança no qual a criança fabricaria seus mundos a partir da experiência no campo; ao analista, caberia não interferir sobre esse processo, mas tencioná-lo sempre que possível.

O que poderia, então, a clínica esquizoanalítica com crianças? Foi traçado algumas pistas, dentre elas a dança, a arte, a brincadeira; processos de experimentação que demandam a imersão do analista no campo em uma postura à espreita. Sabe-se, então, do processo de experimentação e do quão potente ele pode ser. Sabe-se que se quer experimentar um novo tipo de encontro com as crianças e com a própria clínica. No entanto, ao cartografar os próprios textos, urgiu-se a questão: é necessário que se construa ainda mais pistas!

Entende-se que a esquizoanálise não pretende indicar métodos prontos, construir uma consistente base epistemológica (embora haja) e que possui cautela na construção das próprias pistas para que elas não sejam totalizadas e constituam novos processos de aprisionamento da vida (HUR, 2019). Entende-se que Deleuze nos sinalizava que é necessário forçar o pensamento para que algo novo, diferente, emergja daí. Deleuze, em sua entrevista com Claire Parnet, não nos traça uma infância saudosista, infantilizada. Embora o conceito devir-criança se mostre bastante presente em sua obra, não é necessariamente da criança que se fala. De algo se sabe: pretende-se ir de encontro aos processos de institucionalização da vida da criança, deseja-se que ela seja livre para explorar vida aí onde existe. Mas como fazer isso?

A esquizoanálise oferece ferramentas textuais de guerra, traça novas conceituações de ser criança e de clínica - essas são as primeiras pistas. No entanto, deixa também alguns questionamentos importantes: como não interferir nos processos das próprias crianças, mas traçar vias de composição com ela? Como podemos criar essa nova sensibilidade em nós? Espera-se que o próximo tópico ajude a pensar sobre esses questionamentos que se seguiram no decorrer da leitura das obras, de forma que se possa traçar novas práticas de liberdade com as crianças em clínica.

2.3 O QUE PODE O BRINCAR PARA A ESQUIZOANÁLISE

Utilizando-se como referência o questionamento de Espinoza do “o que pode um corpo”, foi decidido que o texto traria a mesma estrutura de questionamento. Espinoza, em sua obra, faz um tríplice denuncia: uma crítica à égide da consciência, dos valores e das

paixões tristes (DELEUZE, 1988). Nesse tópico, contudo, será o primeiro ponto ao qual nos endereçaremos.

Espinoza propõe instituir o corpo como modelo. Quando realiza a provação sobre o que poderia um corpo, fala também sobre a hegemonia do pensamento sobre a consciência e seus decretos, seus efeitos, sua primazia sobre o corpo e a sua conseqüente tentativa de dominação do pensamento sobre o corpo e suas paixões. Espinoza recusa qualquer superioridade da alma sobre o corpo; para ele, o que seria uma ação na alma conseqüentemente seria também em seu próprio corpo (DELEUZE, 1988). Portanto, quando Espinoza questiona a primazia do pensamento sobre o corpo, instaura uma significativa desvalorização da consciência em relação ao próprio pensamento: “trata-se de mostrar que o corpo ultrapassa o conhecimento que dele temos, e o pensamento não ultrapassa menos a consciência que dele temos” (DELEUZE, p. 24, 1988). Em outras palavras, admite que a consciência pode ser lugar de equívocos, ilusões, à medida que a mesma se atenta majoritariamente aos efeitos, não às causas. Dessa forma, seria apenas no encontro com outro corpo que duas relações se formariam para compor um todo mais potente (DELEUZE, 1988).

Os efeitos dos encontros entre dois ou mais corpos seriam, pois, imprevisíveis. Quando Espinoza nos coloca a ideia de encontro, todavia, é possível expandi-la com Deleuze para encontro com corpos humanos e corpos não humanos também. Essa possibilidade abre meios para pensar na potencialidade do encontro do corpo da própria criança com o brinquedo, encontro esse que foge à processos conscientes e age por meio de forças criativas, de composições e decomposições. Desse modo, resumidamente, sente-se alegria quando um corpo se encontra conosco e algo se compõe; de forma contrária, quando um corpo se encontra com o nosso e algo se decompõe, sente-se tristeza (DELEUZE, 1988).

Desse modo, uma pista do que poderia ser o brincar para a clínica esquizoanalítica é a possibilidade de na própria experiência do encontro criança-brincadeira-analista promover uma possível fonte de elos; elos da criança com outras crianças, com ela mesma, com a escola, com a família (BARROS, KASTRUP, 2009; ADAIME, 2008). Assim, entende-se que no brincar haveria a criação de uma nova modalidade: a criança-brincadeira. Dentro de alguns instantes ou horas, ou enquanto durasse a brincadeira, uma nova maneira de ser seria forjada. Um novo território seria construído para a expressão dos afetos da criança.

Isso porque, considera-se que o brincar pode dar língua aos afetos que pedem passagem (BARROS, KASTRUP, 2009). Para o esquizoanalista, para o cartógrafo que está

compondo um plano comum com a criança, entende-se que não tem nada a ver com explicar os fenômenos. O que haveria para todos os lados seriam as intensidades buscando expressão. Quando a criança brinca, entende-se que ela não está apenas traçando um caminho representativo (represento a mãe com a boneca, o pai com o boneco), repetindo os acontecimentos cotidianos para elaborá-los com o auxílio do analista. A brincadeira aqui é entendida como uma das formas da criança tatear o território e performatizar com o que compõe com o seu próprio corpo (BARROS, KASTRUP, 2009; ADAIME, 2008).

2.4 QUEM É A CRIANÇA PARA A PSICANÁLISE?

Numa perspectiva histórica, a noção de criança foi muitas vezes vinculada de forma equívoca aos conceitos de infância e infantil. Conforme aponta Ariès (1981) em *História Social da criança e da família*, o infantil e a infância além de ser uma construção social recente, é um período demarcado no tempo cronológico e balizado por determinada faixa etária. Devido a esta demarcação no tempo, passa a ser tomada como um período com prazo de validade, isto é, como se houvesse um tempo determinado para que a criança abandone o que é particular da infância e do infantil, a fim de que ela adote os adultos como referência dali em diante.

Com essa fusão entre a concepção de criança, infância e infantil, reduz-se o valor das experiências vivenciadas pela criança. Posto que tais experiências são tomadas apenas como peculiaridades das etapas do desenvolvimento humano, regidas sobretudo pelo desenvolvimento físico. Merece também destaque o fato de que, as teorias do desenvolvimento preconizam uma concepção de criança universal que furta o lugar da singularidade na compreensão e expressão de cada criança. Ademais, coloca a criança em uma posição de assujeitamento em relação ao adulto, atribuindo às ações da criança um único direcionamento, sentido e intencionalidade (MRECH, 2008).

Embora tenha imperado por muito tempo este discurso ideológico sobre a criança, infância e infantil, as teorizações postuladas por Freud permitiram uma mudança sobre tais concepções, principalmente por romper com a ideia de que a sexualidade humana estaria atrelada ao desenvolvimento físico. Sendo assim, numa perspectiva freudiana e lacaniana, a criança não pode ser concebida através de um enquadramento em dada teoria do desenvolvimento, fala-se em uma estrutura que se desenvolve cercada da singularidade e da história do sujeito (COSTA, 2007. MRECH, 2008).

A Psicanálise, portanto, critica tanto a concepção cronológica quanto qualquer outra forma prévia de conceber a criança. Deste modo, para a psicanálise, a criança trata-se de

um sujeito que possui seus próprios desejos, sentidos e significados, que estão em pleno exercício de construção através da linguagem e da troca com seus pares.

2.5 O QUE PODE A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS?

O primeiro uso do método psicanalítico com crianças, foi realizado por Freud (1909/2006), caso conhecido como *O pequeno Hans*. O caso em questão serviu como prova da teoria da sexualidade infantil, elaborada por Freud (1905/1996) em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

Em *Análise da fobia de um garoto de cinco anos*, o autor preconiza existir algumas limitações no atendimento de crianças, e que, a análise de Hans apenas foi possível devido a participação do pai, o qual seguiu as orientações e intervenções propostas. Neste texto, Freud (1909/2006) indica que a autoridade de uma figura paterna carregada de afetividade, unida a um médico com interesse científico, se configura em um exemplo de aplicabilidade do método psicanalítico.

Neste período de 1925 e 1930, segundo Camarotti (2010), havia um movimento emergente para uma profilaxia das neuroses. A proposta de Freud mescla a função de analisar ao educar, modelo questionado por alguns analistas e adotado por outros.

Seguindo o legado do pai, Ana Freud (1971) propõe em seu método que o analista deve exercer ambas as funções no tratamento com crianças. Anna Freud salienta que as contribuições da criança sobre sua doença, e que estas estão dependentes dos pais para se expressar. Considera que este aspecto também dificulta o estabelecimento da transferência e, enfatiza a necessidade de um treinamento prévio dos pais em relação ao trabalho analítico, pois acredita, que as reações consideradas anormais incidem com maior frequência no ambiente familiar do que no ambiente analítico.

Dentre os analistas que abandonam esta proposição de enlaçamento entre a análise e intervenções educativas, Klein (1981) desenvolve um novo método numa tentativa de manter os mesmos princípios da análise com adultos, dando um enfoque exclusivo aos processos internos — o inconsciente. Com isso, Melanie Klein propõe uma psicanálise com técnicas que se adaptem à mente da criança, envolvendo no processo analítico o brincar, o jogo, o brinquedo. Em discordância com Anna Freud sobre o estabelecimento da transferência, Klein (1981, p. 20) diz que:

A experiência ensinou-me que as crianças podem, perfeitamente, produzir uma neurose de transferência e que, exatamente como no caso dos adultos, surgirá uma situação transferencial desde que empreguemos um método equivalente à análise

de adultos, que evitemos qualquer medida pedagógica e que analisemos a fundo os impulsos negativos dirigidos contra o analista.

Segundo Roudinesco (1988), outro expoente da psicanálise com crianças é Françoise Dolto. O seu método inclui os pais no processo de análise com crianças, porém, não assume uma postura educativa como em Freud (1906/2006) e Freud (1971). Seguindo os ensinamentos de Lacan, Dolto coloca a escuta do inconsciente como norteador do tratamento de crianças.

Por fim, destaca-se o trabalho de Mannoni (1971), a qual salienta que o analista atua sob o campo da linguagem, aspecto que no trabalho com crianças independe da verbalização. Assim como Françoise Dolto, inclui os pais no tratamento, indicando que é preciso também escutá-los para que suas questões particulares não recaiam sobre a criança. Deste modo, Camarotti (2010) indica que Dolto e Mannoni “sustentavam que a criança é um sujeito por inteiro, não havendo diferença entre uma cura de adulto e a análise com uma criança” (p.52).

Nota-se que apesar das diferenças metodológicas, o trabalho empreendido pela psicanálise com crianças, é conceder um lugar de sujeito a esta criança em que o seu desejo possa ser escutado e respeitado (LEITÃO, CACCIARI, 2017).

Freud (1920/1996) em *Além do princípio do prazer*, discorre sobre a brincadeira de seu neto Ernest, o jogo do *Fort-da*. Quando o garoto arremessava o carretel fazendo-o desaparecer, falava *Fort* (em alemão significa “ir embora”), ao puxá-lo novamente dizia *Da* (“ali”). Acerca desta brincadeira, Freud explica que através dela, a criança elabora uma cena vivenciada de forma passiva — partida e ausência da mãe —, em uma nova cena, através da *repetição*, ocupando agora uma posição ativa.

Freud (1914/2006) em *Recordar, repetir e elaborar*, indica que o caminho para a elaboração se dá pela repetição. Destaca que o paciente fica impossibilitado de recordar sobre o conteúdo recalcado, mas continua expressando-o pela atuação, sem saber exatamente o que está repetindo. Contudo, é entre uma repetição e outra que algo deste conteúdo pode ser rememorado e verbalizado.

Pode-se dizer que, o adulto transita entre estes três momentos para haver-se durante a análise, com a infância e o quê do infantil — recalque —, tem se manifestado na vida adulta. Sobre este ponto, a criança ainda está vivenciando o momento da infância, é um ser em construção tanto orgânica quanto psiquicamente, então não seria possível um

trabalho de recordação. Portanto, na análise, a criança transita entre o repetir e o elaborar (BARBOSA, CHAVES, 2016; LEITÃO, CACCIARI, 2017).

Apesar dessas nuances entre o adulto e a criança, a escuta na psicanálise não está balizada por marcos do desenvolvimento. A escuta clínica é direcionada ao sujeito do inconsciente, o qual é manifesto através da linguagem e segue uma temporalidade própria. Entretanto, a práxis clínica com crianças irá adquirir contornos distintos em relação ao adulto, ao passo que este último cumpre a regra da *associação livre* por meio da palavra verbalizada. Enquanto a criança que ainda possui algumas limitações para verbalizar, irá associar livremente através do brincar (COSTA, 2007; LEITÃO, CACCIARI, 2017).

2.6 O QUE PODE O BRINCAR PARA A PSICANÁLISE

A primeira menção ao brincar foi feita por Freud (1920/2006) em *Além do princípio do prazer*, com o jogo do *Fort-da*. Ao observar seu neto, que brincava repetidamente com o carretel amarrado por uma linha, notou que ao fazê-lo desaparecer a criança emitia um som que foi interpretado por Freud como Fort (“ir embora”) e Da (“ali”). Neste movimento, a criança através da repetição assume uma nova posição numa cena que foi vivenciada de forma passiva, agora atuando de forma ativa. Há, no jogo do *fort-da*, uma conquista na linguagem que se dá através da repetição (PISETTA, 2017).

Acerca da repetição, Freud (1914/2006) em *Recordar, repetir e elaborar*, postula que a repetição é condição para a elaboração. Indica que a repetição se constitui enquanto atuação, para não se haver com aquilo que foi esquecido — o recalque. Entretanto, a cada repetição algo de novo pode emergir, oportunidade para rememorar e verbalizar sobre este conteúdo reprimido. Levinzon (2010, p. 155) preludia que:

Na análise, o paciente desloca para a figura do analista sentimentos, pensamentos e comportamentos originalmente experienciados em relação a pessoas significativas de sua infância. A transferência, como palco privilegiado onde são encenadas as repetições, promove um ponto de encontro permanente entre o passado do indivíduo e o presente, com suas semelhanças e diferenças.

Este retorno a infância provocado pela repetição está para os adultos, posto que já passaram por este momento. A criança repete, através da brincadeira, as experiências do que está vivenciando no presente e que, de algum modo, a afetam significativamente. Por isso, pode-se dizer que seguindo a lógica do *Fort-da*, o brincar sempre será carregado de sentimentos, sejam eles a angústia, medo, felicidade. Estes sentimentos não são verbalizados, mas são expressos através da atuação. Sobre isso, Ferreira (2000) diz que:

(...)a criança brinca, não porque não sabe falar, mas brinca, porque deseja, e é através desse brincar que ela rearranja as situações de seu mundo, numa nova ordem vislumbrando o desejo que não vai ser satisfeito, e transforma a realidade penosa.

Sendo assim, Leitão e Cacciari (2017) postulam que para a criança, não há um trabalho de rememoração na análise. O processo de análise se dará, através do repetir e elaborar, onde o brincar ocupa uma função primordial.

É sabido que, uma das regras fundamentais da psicanálise é a associação livre. Contudo, a criança está em um processo de desenvolvimento, inclusive de sua linguagem. Por isso, o brincar se constitui enquanto uma particularidade no modo de expressão da linguagem na criança. Segundo Leitão e Cacciari (2017), a associação livre na criança é próprio brincar, e que para a psicanálise, o brincar se constitui como caminho para o tratamento.

Sobre o brincar no *setting* psicanalítico, Azambuja e Caneda (2020) enfatizam que, o brincar se constitui enquanto uma técnica que permite acesso ao inconsciente, bem como também é via de elaboração para a criança. Indicam que assim como na análise com adultos, em que é preciso ter cuidado com as interpretações precipitadas, pois estas podem emperrar a associação livre e a própria transferência, este cuidado se faz necessário na condução da clínica com crianças. No brincar, a criança propõe uma cena e o analista entrará nela como ator.

Frente ao exposto, assim como na análise de adultos recomenda-se que fale tudo que vier à cabeça, na clínica psicanalítica com crianças tal recomendação ganharia um tom convidativo: do que quer brincar hoje?

2.7 DAS POSSÍVEIS INTERSECÇÕES: BRINCAR, CRIAR, ESQUECER

Dado o exposto, pode-se destacar que o brincar infantil para a psicanálise é designado como um modo de expressão da subjetividade da criança. O brincar, dessa forma, exprime os desejos, fantasias e conflitos de situações reais que seriam elaborados a medida em que a criança encenasse junto ao brinquedo. A partir dessas interações, seria aí exposto (na brincadeira, junto com ela) uma série de situações emocionais, tais quais frustrações, ciúmes, amor e ódio (SILVA, 2006).

Para a esquizoanálise, a brincadeira se constituiria, sim, enquanto modo de expressão da criança. No entanto, seria através da troca brinquedo-criança que os afetos ganhariam passagem, território. O brincar, sob essa perspectiva, não estaria expressando

a subjetividade da criança (dado que a subjetividade, de acordo com essa ótica, não operaria enquanto algo pertencente ao sujeito, mas, sim, advindo já de um processo de cristalização dos fluxos). Desse modo, é importante destacar que, para a esquizoanálise, não existiria uma subjetividade que seria pertencente ao sujeito (similar à identidade, que denota uma certa rigidez e imutabilidade da “essência” humana). Ao contrário, a subjetividade será entendida enquanto uma construção, que é dominada pelos dispositivos de poder e saber. Dessa forma, a esquizoanálise cunhará a expressão “processos de subjetivação”, justamente por entender que se trata mais de um processo do que um ponto de partida ou uma essência do sujeito (CASSIANO, FURLAN, 2013).

Desse modo, o brincar seria, sobretudo, a criação de uma maneira de ser em ato. A brincadeira, portanto, seria a criação de um território capaz de compor os afetos com a criança (SILVA, 2006). É nesse ponto, portanto, necessário destacar que a brincadeira enquanto processo de criação de algo aparece como ponto primordial em ambas as teorias: para a psicanálise, enquanto criação de processos de elaboração; para a esquizoanálise, criação de novos territórios.

A elaboração, *durcharbeiten*, termo alemão, é formado pela preposição *durch*, "através de, de lado a lado", e pelo verbo *arbeiten*, "trabalhar". Dessa forma, esse termo, que é também um conceito da psicanálise, pode significar: trabalhar sem pausa a noite inteira; fazer bem e minuciosamente um trabalho; abrir caminho trabalhosamente numa multidão (FREUD, 1914/2006). Seriam os dois últimos sentidos àqueles utilizados por Freud.

Ademais, a elaboração é num conceito fundamental psicanalítico para a compreensão da dinâmica psíquica. Através do texto *Recordar, repetir e elaborar* Freud (1914/2006) anuncia que elaborar está relacionado com o tempo necessário dado ao paciente para reconhecer seus próprios conflitos. Pode-se inferir que elaborar seria, grosso modo, um certo momento de conclusão da análise, na qual conflitos seriam encerrados e, a certa medida, esquecidos. O brincar, desse modo, atuaria enquanto vias de elaboração de acordo com o que a criança repetiria vivências e as conjugaria na brincadeira, criando novas significações.

Sob essa lógica do brincar enquanto criação, para a esquizoanálise é possível destacar o território enquanto plano de acontecimentos, onde as linhas e fluxos poderiam, no caso da criança e sua brincadeira, atuar em sucessivos movimentos de desterritorialização e (re)territorialização. No entanto, urge destacar que o conceito de território é amplo e múltiplo, não podendo ser esgotado aqui. Destaca-se que:

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p 323).

É desse modo que o território é plano de acontecimentos, podendo ser, portanto, “abandonado”, “construído”, “reestabelecido” de acordo com os agenciamentos do sujeito, dos animais, das coisas.

Resumidamente, pode-se enunciar dois grandes movimentos que fazem parte da constituição de um território: o processo de (re)territorialização e desterritorialização. O primeiro, diz respeito a um movimento de construção e, o segundo, de abandono do território (DELEUZE, GUATTARI, 1997). Ambos os processos acontecem concomitante e um dos sentidos destacados é o abandono e o retorno ao próprio seio social, às práticas, bem como a constituição ou o retorno a elas. É daí o ponto chave do território para o brincar: a criança cria e (de)compõe seus territórios em ato.

A partir dessa intersecção, urge-se destacar um feito peculiar da clínica com crianças em ambas as abordagens, que difere essencialmente da clínica com adultos: através da brincadeira, a criança não está rememorando algo do passado, mas construindo algo sempre no plano presente, com e no território. A criança, pois, se insere em processos ativos de “esquecimentos” para a criação de novos planos e possibilidades.

Isto posto, é importante destacar que a base da psicanálise é a neurose, sendo a base desta a memória, o ressentimento e a impossibilidade de ir adiante. Freud procurou fundamentar um método de cura ao ressentimento: através da associação livre, seria possível elaborar angústias trazidas na memória (MOSE, 2020). Todavia, de acordo com Mosé, se Freud tivesse se aprofundado em Nietzsche, poderia ter dado um passo adiante: incentivar o esquecimento. Tal como ela aponta, seres essencialmente da memória são vítimas da moral, do preconceito e da criação de modelos.

Tal constatação é especialmente importante à medida que constitui uma pista para pensar em como a clínica com crianças, ou melhor, em como o brincar infantil pode operar essencialmente enquanto potência de criação através do próprio esquecimento em ato (o brincar enquanto ato dado no presente e para o presente).

Nietzsche, em sua obra “Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida”, coloca em xeque a problemática da valorização da

história e da construção de um pensamento voltado à valorização do passado em contraponto à adoção de um modo de existir que seja a-histórico (NIETZCHE, 1874).

É importante ressaltar, contudo, que Nietzsche escreveu a obra no século XIX, donde havia uma grande valorização das chamadas “glórias passadas” e das obras clássicas, especialmente os escritos de Hegel. A isso, Nietzsche afirmou que certamente necessitamos da história desde que ela sirva à vida. E esta constatação, exemplifica sua síntese através do seguinte exemplo:

Considera o rebanho que passa ao teu lado pastando: ele não sabe o que é ontem e o que é hoje; ele saltita de lá para cá, come, descansa, digere, saltita de novo; e assim de manhã até a noite, dia após dia; ligado de maneira fugaz com seu prazer e desprazer à própria estaca do instante, e, por isto, nem melancólico nem enfadado. Ver isto desgosta duramente o homem porque ele se vangloria de sua humanidade frente ao animal, embora olhe invejoso para a sua felicidade (NIETZCHE, p. 7, 1874).

Para ele, o homem é um animal que não aprendera a esquecer e, portanto, sempre passível à angústias e infelicidades. Diferentemente dos animais, portanto, que vivem no tempo presente, o homem viveria acorrentado ao que passou. No entanto, Nietzsche destaca que nem sempre foi assim e insere a criança como exemplo de uma proximidade mais familiar ao homem adulto-ressentido. A criança, por sua vez, não teria nada a negar do passado e brincaria entre as grades do passado e futuro em uma “bem-aventurada cegueira”, felicidade genuína. Contudo, destaca que em algum momento, pela civilização, a criança seria arrancada de seu esquecimento benéfico e aprenderia a entender a expressão “foi” (NIETZCHE, 1874).

Daí, pode-se destacar a importância de uma clínica com crianças em intersecção: a valorização da experiência sempre no presente, da brincadeira enquanto ato criador que independe do tempo cronológico (chrónos) e se expande para o tempo da brincadeira, tempo da invenção (Aión). Afinal, a infância e a experiência do brincar não seria apenas uma questão cronológica, mas uma dimensão da experiência e, portanto, impossível de ser metrificada pelo relógio (KOHAN, 2002).

Kohan (2002) adverte que é preciso ampliar a temporalidade. Para os gregos, existiria mais de modo de se referir ao tempo. No Ocidente, a mais conhecida seria o chrónos, conhecido como o “tempo do relógio” por designar um tempo contínuo, sucessivo. O tempo como entendemos na contemporaneidade cabe a essa concepção, que advém de uma espécie de soma entre presente, passado e futuro, sendo o passado aquilo que já foi e, portanto, não o é mais. Outra expressão grega e pouco entendida no ocidente, no entanto, é o Aión. Esta se refere a intensidade do tempo da vida, uma duração, uma

temporalidade que não é numerável ou sucessiva (KOHAN, 2002). O Aión, dessa forma, seria o tempo do inconsciente, das intensidades que pediriam passagem, da brincadeira.

Trata-se de uma convocação de um novo olhar ao tempo, ao conceito de passado e do brincar enquanto dispositivo imanente, dado ao presente e para o presente. A memória, como Nietzsche pontuou, está intimamente conectada ao tempo. Para tanto, urge a provocação: “o que poderia ser a memória se não fosse algo da ordem da recuperação, da cronologia, da descoberta do que já foi e, portanto, já não é mais: o que não "lembramos"? O que outra coisa poderia fazer a memória que não seja recuperar o passado?” (KOHAN, 2002).

Para essas questões, o artigo lança uma pista: a criação. A criação estaria aí: na capacidade infantil de esquecer, de brincar-fazer no presente. Para Nietzsche (1874) a felicidade estaria no poder-esquecer, em ater-se, sempre que possível ao instante da sua própria duração. Para tanto, o brincar enquanto dispositivo clínico visto como intersecção atuaria enquanto potência criadora. Seus desdobramentos, dessa forma, passariam pelo campo da experiência, sendo seus efeitos sempre desconhecidos.

“Como o analista pode acolher essa imprevisibilidade?”, “De qual forma podemos criar junto com a criança brincadeiras que rompam com a lógica do *chrónos*?”. A estas e outras questões que se fazem presentes, convocamos os leitores: essas permanecerão como provocação para a criação sempre de um novo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto no decorrer deste artigo, é evidente que existem diferenças teóricas entre a psicanálise e a esquizoanálise, que acabam singularizando e fundamentando a práxis de cada uma. Entretanto, lançar a possibilidade de uma intersecção, isto é, de articulação entre distintos campos de saber, é também uma forma de propor e construir em conjunto práticas fundamentadas na interdisciplinaridade.

Retoma-se, assim, o objetivo de dar pistas sobre o que pode o brincar na clínica com crianças a partir de uma intersecção entre a psicanálise e a esquizoanálise. Partiu-se do pressuposto de que o brincar em ambas as teorias constitui-se enquanto potência criadora e encontro dos corpos entre analista e sujeito-criança. Deste modo, apontamos que o brincar se coloca enquanto pista para um saber-fazer a clínica com crianças.

Dentre as pistas de tal intersecção acerca do brincar, destacamos que:

- O brincar, seja na clínica ou em outros espaços, é ato que se dá no presente e para o presente. Isto significa que cabe ao analista fazer-se presente, entrar com seu corpo em cena para brincar junto a criança, permitindo acolhê-la na máxima expressão de sua singularidade;
- Constitui-se, ainda, enquanto processo criativo que é governado por uma temporalidade própria – tempo do inconsciente (lógico) e tempo de criação (Aión);
- O brincar, por se configurar enquanto processo de criação, é capaz de proporcionar a criança vias de elaboração e novos territórios;
- É ato que promove processos de “esquecimento” sobre as possibilidades e territórios pré-determinados pelos adultos, lançando a criança a novas possibilidades e territórios construídos por elas mesmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

ADAIME, Rafael Domingues. **Clínica experimental: programas para máquinas desejanets**, 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/15681>. Acessos em 21 jun. 2021.

BARROS, Regina Benevides.; PASSOS, Eduardo. A **Cartografia como método de pesquisa-intervenção**. In: Eduardo Passos; Virginia Kastrup; Liliana da Escóssia. (Org.). **Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 1a ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

AZAMBUJA, Natielly Rosa de; CANEDA, Cristiana Rezende Gonçalves. **O brincar no setting psicanalítico: uma revisão teórica. Interfaces da Psicologia: aproximando distâncias**. V.1, n.1. 2020. Disponível em <<https://www.ulbracds.com.br/index.php/interfaces/article/view/2989>> . acessos em 21 jun. 2021.

BARBOSA, Jane Mara dos Santos; CHAVES, Wilson Camilo. **A criança enquanto condição do sujeito em Freud: apontamentos para uma clínica psicanalítica com crianças**. *Psicol. pesq.*, Juiz de Fora , v. 10, n. 1, p. 44-54, jun. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472016000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 jun. 2021. <http://dx.doi.org/10.24879/201600100010046>.

BARROSO, Adriane de Freitas. Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul , n. 36, p. 149-159, jun. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010465782012000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 out. 2021.

CASSIANO, Marcella; FURLAN, Reinaldo. O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 373-378, 2013. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dgLDtXKSwqS85RSQSJpRrZP/abstract/?lang=pt>> acessos em 20 jun 2021.

CAVALCANTI, Marcus Alexandre; NOVIKOFF, Cristina; CAVALCANTI, Eliane Crisitna Tenório. Interfaces entre psicanálise e filosofia por uma clínica da diferença a esquizoanálise como prática interdisciplinar. **Revista Valore**, v. 1, n. 1, p. 31-41, 2016. Disponível em: < <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/7/0> > acessos em 20 de set.2021.

CAMAROTTI, Maria do Carmo. O nascimento da psicanálise de criança: uma história para contar. **Reverso**, Belo Horizonte , v. 32, n. 60, p. 49-53, set. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000300007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 jun. 2021.

- CORAZZA, Sandra. **Metainfanciofísica: a criança e o infantil**. São Paulo: Mímeo, 2004. Disponível em: < <https://www.ufrgs.br/escrileiturasrede/sanmarcorartigos/> > acessos em: 13 de jun. 2021.
- COSTA, Teresinha. **Psicanálise com Crianças**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- DELEUZE Gilles, FELIX Guatarri. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Editora: São Paulo, vol.1, 1995.
- DELEUZE Gilles, FELIX Guatarri. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Editora: São Paulo, vol.4, 1995.
- DELEUZE Gilles, FELIX Guatarri. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Editora: São Paulo, vol.5, 1997.
- DELEUZE, Gilles, PARNET, Clare. **Abecedário de Gilles Deleuze**. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1988.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora Escuta, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Editora Escuta, 1988.
- FERREIRA, Tania. **A escrita da Clínica. Psicanálise com crianças**. Editora Autêntica. Belo Horizonte, 2000.
- FREUD, A. **O tratamento psicanalítico de crianças**. Rio de Janeiro, Imago, 1971.
- FREUD, S. (1905) Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1996). Além do princípio de prazer. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 17-75). Rio Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- FREUD, S. (2006) Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In **S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (J. Salomão, trad., Vol. 10, pp. 12-133). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)
- FREUD, S. (2006). Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In **S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 163-171). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUATTARI, Felix. **O inconsciente maquínico**. Campinas: Papirus Editora, 1988.
- GUATTARI, E e ROLNIK, S. 1996 Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes.

HERRMANN, F. & LOWENKRON, T. (Orgs). (2004) **Pesquisando com o método psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

HUR, Domenico Uhng. **Psicologia, política e esquizoanálise**. Campinas: Alínea, 2019.

KASTRUP, Virgínia. **O devir-criança e a cognição contemporânea**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/fpXVKSht7N7cP7cK5rxsRcG/abstract/?lang=pt>> acesso em 14 jun.2021.

KLEIN, M. 1981. **Psicanálise da criança**. São Paulo, Mestre Jou, 350 p.

KOHAN, Walter Omar. **A infância da educação: o conceito devir-criança**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 51-68, 2002. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/a-infancia-da-educacao-o-conceito-devir-crianca> acessos em 20 jun.2021.

LAMEIRA, Valéria Maia; DA SILVA COSTA, Márcio Clayton; RODRIGUES, Simone de Miranda. Fundamentos metodológicos da pesquisa teórica em psicanálise. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 17, n. 1, p. 68-78, jan. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 jun. 2021. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i1.4861>.

LEITAO, Igor Brum; CACCIARI, Marcella Bastos. A demanda clínica da criança: uma psicanálise possível. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 64-82, abr. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282017000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 jun. 2021. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p64-82>.

LEVINZON, Gina Khafif. Recordar, repetir, elaborar e construir: a busca do objeto materno na análise de uma menina adotada. **Rev. bras. psicanál.**, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 155-164, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000400014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 jun. 2021.

MANNONI, M. **A criança, sua doença e os outros**. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

MRECH, Leny Magalhães. Além do sentido e do significado: a concepção psicanalítica da criança e do brincar. In: **O brincar e suas teorias**. [S.l: s.n.], 2008.

MOSÉ, Viviane. É agora! Live/aula, memória e esquecimento. Youtube, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/q5Sk9ykQBbE>.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Relume Dumará, 1874.

PISETTA, Maria Angélica Augusto de Mello. Sujeito, objeto e linguagem no brincar. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 100-112, abr. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282017000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 jun. 2021.

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p100-112>.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem** [online]. 2007, v. 20, n. 2 [Acessado 18 Junho 2021] , pp. v-vi. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>>. Epub 17 Jul 2007. ISSN 1982-0194. <<https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>>.

ROUDINESCO, E. **História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988. v.2: 1925-1985.

SILVA, Maria Cecília Pereira. **Brincar de verdade: um caminho de Lucas**. J. psicanal., São Paulo , v. 39, n. 71, p. 203-221, dez. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000200012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 out. 2021.

VALLE, Livia Fortuna. **A infância do mundo: escritos para Guilles Deleuze**, 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2018.